

**UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
CURSO DE HISTÓRIA**

**A TRAJETÓRIA DE UM CLUBE DE NEGROS EM CARAZINHO/RS:  
SOCIEDADE RECREATIVA CULTURAL BENEFICENTE FLOR DA SERRA  
(1932-2019)**

**LUÍZA MILENA PRATES BANDEIRA**

**PASSO FUNDO - RS  
2019**

LUÍZA MILENA PRATES BANDEIRA

A TRAJETÓRIA DE UM CLUBE DE NEGROS EM CARAZINHO/RS: SOCIEDADE  
RECREATIVA CULTURAL BENEFICENTE FLOR DA SERRA (1932-2019)

Trabalho de conclusão de curso de graduação, apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Jacqueline Ahlert

PASSO FUNDO - RS  
2019

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em especial, aos meus pais Sérgio e Rossane, por me proporcionarem a graduação e não medirem esforços para me ajudar emocionalmente e financeiramente.

Agradeço também minha orientadora professora Jacqueline pela paciência com os prazos e por acreditar em meu potencial, mesmo quando eu não acreditava.

Também não posso deixar de agradecer aos meus amigos pelo incentivo, ajuda e pela paciência em me ouvir desabafar sobre o trabalho.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Logo da Sociedade Floresta Aurora .....	14
Figura 2 – Sede atual do C. C. Chove não Molha .....	16
Figura 3 – Museu Treze de Maio .....	18
Figura 4 – Sede do Clube Cultural Recreativo Braço é Braço .....	19
Figura 5 – Sede do clube na década de 1930 .....	20
Figura 6 – Jornal da Serra (abr. 1950) .....	25
Figura 7 – Fachada da Sede aproximadamente 1980 .....	26
Figura 8 – Proposta para sócio 1990 .....	28
Figura 9 – Projeto VINZA .....	29
Figura 10 – I Mostra Africanidades .....	30
Figura 11 – I Mostra Africanidades .....	30
Figura 12 – Fachada atual da Sede .....	32
Figura 13 – Carnaval de 1995.....	34
Figura 14 – Música “A máscara” .....	36

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>06</b>
<b>2</b>	<b>A HISTORIOGRAFIA PARA COMPREENDER A FORMA DE RESISTÊNCIA NEGRA</b> .....	<b>08</b>
<b>2.1</b>	<b>O início da escravidão no Brasil</b> .....	<b>08</b>
<b>2.2</b>	<b>Escravidão na Região Sul e a Origem dos Quilombos</b> .....	<b>09</b>
<b>2.3</b>	<b>Movimento Abolicionista no Rio Grande do Sul</b> .....	<b>10</b>
<b>2.4</b>	<b>O protagonismo do negro através dos Clubes</b> .....	<b>13</b>
<b>3</b>	<b>A TRAJETÓRIA DA SOCIEDADE RECREATIVA BENEFICENTE FLOR DA SERRA</b> .....	<b>22</b>
<b>3.1</b>	<b>Um pouco do início da cidade de Carazinho</b> .....	<b>22</b>
<b>3.2</b>	<b>Início Flor da Serra</b> .....	<b>23</b>
<b>3.3</b>	<b>Projetos Desenvolvidos na Sociedade</b> .....	<b>29</b>
<b>4</b>	<b>CARNAVAIS DE RUA NA CIDADE DE CARAZINHO, ATRAVÉS DO CLUBE FLOR DA SERRA</b> .....	<b>33</b>
<b>4.1</b>	<b>O Carnaval como forma de resistência negra</b> .....	<b>33</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>38</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>40</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A importância dos Clubes Sociais Negros é extremamente significativa e tiveram por muito tempo um relevante papel para a resistência da cultura afro no Brasil, além disso, significaram e mudaram a vida de muitas pessoas. É perceptível a entrada do movimento negro, como uma oportunidade para ascender socialmente e lutar por seus direitos. Este trabalho pretende contribuir com as pesquisas historiográficas dos dias atuais, que buscam estudar os clubes de negros e sua trajetória como forma de resistência.

O nosso objetivo é trazer a luz a trajetória e a importância da Sociedade Recreativa Cultural Beneficente Flor da Serra e o seu impacto na sociedade carazinhense. Pois, pouco é lembrado a existência desse clube que fora de grande valia a cidade. A relevância do estudo está na compreensão de que estes clubes auxiliaram as comunidades negras a se auto afirmarem nas suas cidades, além de permearem sua significância para a pesquisa da história cultural e social brasileira.

Além disso, com a análise pretendida nesta pesquisa, através dos registros históricos da Sociedade Recreativa Flor da Serra. Utilizaremos o enfoque da imprensa, fontes iconográficas e ainda, das atas e estatuto do clube, entre os anos de 1932-2019.

A história da imprensa nos garante fontes riquíssimas a serem analisadas, pois possuem um caráter de informação e opinião a qual podemos analisar e interpretar, elencando pontos positivos ou negativos. O autor que a descreve pode influenciar ativamente a matéria, mostrando assim, a notícia por uma nova perspectiva.

Este trabalho está dividido em três capítulos, devido sua complexidade:

Capítulo II – Faz uma pequena alusão a escravidão no Brasil e especificamente no Rio Grande do Sul e a origem dos quilombos. Também é ressaltado os movimentos abolicionistas no Estado, principalmente, através da imprensa. Além disso, recapitulamos algumas histórias significativas de Clubes e Sociedades de suma importância para o Rio Grande do Sul.

Capítulo III – Nesta parte, iniciamos com a historiografia da cidade de Carazinho para compreender em que contexto inicia a Sociedade Recreativa Beneficente Cultural Flor da Serra. Além disso, procuramos descrever a trajetória do Clube cronologicamente, correspondendo a sua importância para a sociedade carazinhense, através dos registros do clube e da imprensa.

Capítulo IV – Nesta última parte será abordado os carnavais que a Sociedade realizou e participou, mostrando o mérito do divertimento para realizar formas de conhecimento e resistência.

## **2 A HISTORIOGRAFIA PARA COMPREENDER A FORMA DE RESISTÊNCIA NEGRA**

Este capítulo é dedicado a contextualizar a forma de resistência dos negros que está presente desde o início da colonização brasileira, permeando até os dias atuais através dos Clubes Sociais Negros. Ressaltando algumas historiografias específicas de Sociedades do Rio Grande do Sul.

### **2.1 O início da escravidão no Brasil**

Desde o início da colonização no Brasil, há uma grande pluralidade étnica, no sentido de trazer pessoas para popular o extenso território, também era preciso que sua economia açucareira se desenvolvesse logo e houvesse a geração de lucros à metrópole. É neste contexto do século XVI que surge a escravidão indígena, mas se mostra ineficaz, pois além da resistência ser grande, a taxa de mortalidade dos indígenas só tendia a aumentar, também possuía o fator religioso, representado pelo esforço da igreja em catequisar os nativos e manter a hegemonia da Igreja Católica no Novo Mundo.

A necessidade de mão-de-obra era grande, em razão de que era preciso produzir. Desta maneira, na década de 1570 surge o comércio de negros, oriundos da África o qual agrada os senhores de engenho que já ouviam comentários positivos a respeito das habilidades dos homens negros com esse tipo de trabalho, além de ser uma mão-de-obra não assalariada. De acordo com Fausto (1996, p. 29):

Os africanos foram trazidos do chamado "continente negro" para o Brasil em um fluxo de intensidade variável. Os cálculos sobre o número de pessoas transportadas como escravos variam muito. Estima-se que entre 1550 e 1855 entraram pelos portos brasileiros 4 milhões de escravos, na sua grande maioria jovens do sexo masculino.

Este comércio possibilitou a colônia brasileira certa vantagem econômica, pois sua produção açucareira pôde dobrar consideravelmente e gerar lucros aos senhores, também houve uma grande migração para colônia a procura de terras para participar da economia. O Brasil teve a existência da escravidão durante 350 anos, apesar disso, a resistência dos negros era extremamente presente, através de suicídios, revoltas e fugas

para as florestas, este último não ocorria com frequência nos primeiros anos, devido as pessoas não terem o conhecimento necessário do local.

Também como forma de resistência houve a inserção dos quilombos que tinham o intuito de os negros se verem livres das garras da escravidão, eram construídos longe das áreas do campo e urbanas, onde os senhores não conseguissem localizar, o difícil acesso, fez com que vários quilombos pudessem crescer, um exemplo disso que ficou famoso é o Quilombo dos Palmares, localizado na Serra da Barriga, na Capitânia de Pernambuco, liderado por Zumbi - no contexto final da organização -, que se tornou uma figura simbólica de resistência para os negros até os dias atuais.

O quilombo se constituiu na época da colônia e perdurou até o império, além disso, tirou o sono de muitos de senhores de engenho e governantes da época, pois desestabilizava a economia na colônia, e as perdas financeiras eram grandes. A propagação da mensagem de que existia um local para os negros longe das senzalas e do engenho só tenderam a aumentar, em certo momento o quilombo passou a ter cerca de 20 mil moradores.

Este lugar passou a ser odiado pela colônia e aclamado nas senzalas, ocorrendo várias revoltas e fugas, mas devido à localização ser incerta muitos não conseguiam encontrar e eram capturados e castigados. Mas a esperança continuava acesa de ter um lugar melhor para sobreviver, o que fazia os senhores de engenho ficarem preocupados e tomar providências drásticas.

Foram realizadas várias investidas contra os Palmares, mas a resistência fez com que as pessoas começassem a ter persistência de sair da escravidão. Além disso, a proporção das notícias espalhadas faz com que se criassem mais quilombos em outros locais, moldando assim movimentos antiescravidão.

## **2.2 Escravidão na Região Sul e a Origem dos Quilombos**

Já na região do Prata pertencente a Espanha temos relatos da participação dos negros em tropeadas mais especificamente no fim do século de XVII, cria-se a Colônia de Sacramento, que atualmente se situa no Uruguai, este foi um lugar valorizado geograficamente para a troca de mercadorias contrabandeadas vindas pelo Pacífico. Devido a sua rentabilidade este local era disputado pelos portugueses e espanhóis.

Nesta época a presença do negro faz-se muitíssimo importante, de acordo com FILHO (1993) o comércio negreiro por aqui se mostra lucrativo e eficaz, este contrabando

leva um fluxo tão intenso que muitas colônias da América, vinham de longe, fazendo com que Sacramento passasse a ter uma realidade normal da venda de homens escravizados de pele negra, não se imaginando sem este comércio e o reforço de um escravo.

Os senhores que possuíam escravos trabalhavam com a caça ao gado selvagem, e não se tinha um local específico para se fixar e assim, maioria dos escravos adquire um papel singular nesta região, como explica Filho (1993, p.35):

Os escravos que participavam dessas atividades terminavam transformando-se em acompanhantes de seus senhores, mais guarda-costas e pajens do que servos. A escravidão assumirá, então, uma qualidade meramente jurídica.

De acordo com Filho (1993) a partir da expulsão dos espanhóis a inauguração do escravismo se torna mais significativa através das charqueadas, a qual consistia em caçar o gado, preparando o couro, carneando-o e estendendo a sua carne. Temos registros em Pelotas, de senhores de escravos, senzalas, troncos e as famosas “casas grandes”, para a produção do charque. O trabalho era pesado e exigia a resistência física, os castigos e a tortura eram extremos.

Por volta de 1881 já circulava na região documentos do jornal abolicionista *A voz do escravo* descrevendo as charqueadas como desumanas e violentas aos escravos. A uma abundância de negros no Rio Grande, entrava-se quase que exclusivamente pelo Porto do Rio Grande. Em meados de 1850 os ingleses pressionam novamente o Império Brasileiro para que não se tenha mais a entrada de navios negreiros no Brasil. Apesar disso, o desembarque clandestino continuaria por algum tempo até a abolição da escravatura.

O desejo de se ver livre das más condições em que se viviam faz com que estas pessoas criassem formas de resistência e que pudessem ser livres. Os escravizados no Rio Grande do Sul não foram diferentes do início da colonização, fugindo, cometendo suicídio devido a depressão e repressão, revoltando-se contra seus senhores, também se deixava de produzir mais rapidamente, além de procurar ou originar os quilombos ou mocambos, um dos mais famosos na região era o Quilombo do Negro Lucas na Ilha dos Marinheiros, em Pelotas que resistiu durante mais de 10 anos.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> FILHO, 1993, p. 39

## 2.3 Movimento Abolicionista no Rio Grande do Sul

É inevitável falar sobre a escravidão e não citar as ideias do movimento abolicionista que surgem no Brasil já no período colonial e se difundem no imperial, diretamente trazidos pelos próprios filhos dos senhores de escravos que eram mandados para a Europa para obter a melhor educação. Em suma, era acabar com a escravidão e iniciando o processo com a compra de cartas de alforria para os cativos. Também houve vários debates entre a elite brasileira, para embranquecer o país.

Os últimos anos da escravidão foram conturbados, com o encerramento do tráfico negreiro e as leis do “vente livre” (1871) e dos sexagenários (1885) a abolição em 1888 seria eminente. Os senhores de engenho teriam que procurar outros trabalhadores logo, pois os seus escravos não estariam mais a disposição gratuitamente. De acordo com Sankofa, 2019, p. 66:

A abolição foi historicamente conquistada pelos próprios escravizados, a partir de cada forma de resistência por eles apresentadas. Nos últimos anos de existência da instituição escrava a resistência negra ganhou reforço do abolicionismo, movimento composto por sujeitos livres e contrários à manutenção do sistema escravocrata. Não obstante, a libertação não significou a instituição automática dos direitos de cidadania dos ex-escravos. Estes, precisaram organizar movimentos de luta pela defesa de seus direitos, bem como contra os estereótipos, racismo e preconceitos que os vitimaram na sociedade de classe brasileira.

A maioria da imprensa noticiava a tudo e foi uma grande apoiadora da causa abolicionista no Rio Grande do Sul, de acordo com Flores (2013) diversos jornais da época escreviam artigos a respeito, podemos destacar aqui o jornal *O Noticiador* que relatou o não cumprimento das leis que tinham o intuito de proibir o tráfico. Outro importante fator para que o movimento se concretizasse foi a Sociedade Partenon Literária<sup>2</sup> com a criação do *Centro Abolicionista*, em sua conferência, a qual tinha o propósito de realizar uma propaganda ampla da abolição de escravos.

Apesar disso, é perceptível que em certos artigos na imprensa os relatos desmerecendo e desprezando o negro, além de se voltarem apenas como perda econômica

---

<sup>2</sup> Foi uma Sociedade criada por jovens republicanos, voltada a produção artística e cultural no Rio Grande do Sul no século XIX, além de ser ativamente em debates polêmicos da época, como: emancipação feminina e abolição da escravatura. Seu objetivo era disseminar ideias inovadoras e obter um público leitor, o que de fato ocorreu. Boeira, Luciana Fernandes. Entre História e Literatura: a formação do Panteão Rio-Grandense e os primórdios da escrita de história do Rio Grande do Sul no século XIX. Mestrado. UFRGS, 2009, p. 89.

para o senhor, ou se os escravos assassinavam alguém, que eram de uma forma mais comum, sem chocar a população com os maus tratos.

Poucos eram os jornais abolicionistas, periódicos que tratavam os negros como seres humanos, explicando que a condição a qual viviam era cruel e desumana. As insurreições dos escravos faziam as guardas nacionais agir em prol do senhor, a fuga e os quilombos eram considerados crimes gravíssimos e poderiam pôr em risco a produção e a sociedade escravista em si.

É relevante ressaltar aqui, um personagem pioneiro do movimento abolicionista no Rio Grande do Sul, mas que não teve uma grande visibilidade, Alexandre Luís de Queirós e Vasconcelos mais conhecido como “Quebra”, nascido em 1772 em Cachoeira do Sul, seu pai foi um tenente prestigiado dos Dragões de Rio Pardo, o qual também fez parte, devido as suas injúrias contra a Monarquia afastou-se do exército. Este foi um verdadeiro idealista e precursor das ideias do republicanismo e abolicionismo. É bastante lembrado como desordeiro e “louco” pois, proclamava a República e libertava os escravos das províncias.<sup>3</sup>

Muitos abolicionistas, inclusive Joaquim Nabuco, tinham propostas para que a população de ex-escravos não ficasse desamparada, com escolarização, emprego e moradia. Mas com a abolição, a maioria dos escravos eram expulsos das fazendas sem nenhuma ajuda financeira e sem ter onde morar, tentando sobreviver com o que desse. Os comerciantes existentes nos vilarejos não tinham ou não queriam dar um trabalho essas pessoas. A maioria da elite brasileira fingiu que os negros não existiam, ou não mudaram o tratamento para com essas pessoas, podemos observar em nossa sociedade atual que ainda perdura o preconceito no Brasil.

No norte do RS, apesar da menor “visibilidade” da presença negra, existem quilombos a poucos quilômetros da Universidade de Passo Fundo. As comunidades quilombolas de Arvinha e de Mormaça localizam-se nos limites entre os municípios de Sertão e Coxilha.

A Comunidade Quilombola da Mormaça localizada no interior do município de Sertão – norte do Rio Grande do Sul vive hoje em uma área aproximada de 15 hectares (conforme estudos, já foi bem maior), vinculam-se ao local cerca de 30 famílias. A comunidade surgiu como a maioria dos quilombos, em local de difícil acesso, anteriormente coberto por matas nativas regionais, especialmente floresta de araucárias, hoje desflorestada, substituída com

---

<sup>3</sup> Pampa Negro - Agitações, Insubordinações e Conspirações Servis no Rio Grande do Sul, 1803-1850  
Mário Maestri Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana Ano VII, N°XIII, Julho/2014 p. 6

plantações de soja, milho e trigo nas imediações. A origem do nome do município Sertão dava a ideia de grande área desabitada. Indícios apontam que a comunidade foi formada por negros escravos fugidos das fazendas e charqueada do sul do estado, por volta de 1780. Desde 2001 reivindica a regularização do perímetro das terras em que vive e de áreas que lhes foram tomadas a partir dos ciclos econômicos e da configuração colonial do Estado nacional brasileiro (OLIVEIRA, s/p).<sup>4</sup>

Já a comunidade de Arvinha surgiu nos entornos de uma fazenda de plantio que possuía escravos, onde ainda remanesce a “Casa Branca”. O título “Arvinha” faz referência a um pé de cambará que se situa nas imediações do quilombo. Segundo os moradores locais, esse local era utilizado como abrigo por tropeiros que conduziam tropas de muares para Sorocaba durante o século XIX. Desde 2004, Arvinha e Mormaça, a poucos quilômetros de distância uma da outra, são reconhecidas como comunidades remanescentes de quilombos pela Fundação Cultural Palmares.<sup>5</sup>

## **2.4 O protagonismo do negro através dos Clubes**

Todos possuímos o desejo de se identificar, participar e opinar sobre algo, é uma normalidade do ser humano. Apesar de sermos um país multiétnico a historiografia nos mostra um enorme descaso com o anseio do negro. Tanto é que a partir da abolição as pessoas são mandadas para longe do centro das cidades, com o intuito de “embranquecer” o país. Desta forma, temos o início de locais de resistência que viriam a ser o objeto desta pesquisa, os clubes ou sociedades negras, após a abolição os Clubes veneram a Princesa Isabel através de seus nomes, de acordo com Escobar (2012, p. 90)

Os clubes sociais negros reforçaram a “memória nacional”, por quase um século, a figura da Princesa Isabel, como representante máxima responsável pela libertação dos escravos, e as elites dominantes deste país, em especial os museus, arquivos e bibliotecas nacionais, apesar das mudanças e do protagonismo negro, continuam reafirmando e legitimando estas memórias, com raras exceções.

Podemos perceber que mais tarde essa percepção muda, através da mudança dos nomes as Sociedades. De acordo com Fernandes (2018, p. 26):

---

<sup>4</sup> <http://coral.ufsm.br/sifedocregional/images/Anais/Eixo%2008/Heron%20Lisboa%20de%20Oliveira.pdf>

<sup>5</sup> <https://www.upf.br/noticia/academicos-de-historia-visitam-comunidade-quilombola-de-arvinha>

A população de etnia negra, descendente de africanos escravizados, foi uma das que mais teve dificuldades de ascensão social devido a uma série de fatores, dentre eles racismo e discriminação, mesmo após a abolição da escravidão. No início do período republicano essas dificuldades não diminuíram, pois nos contingentes de populações pobres no Brasil, uma grande parcela era formada por negros. Os primeiros governos republicanos prestavam pouca assistência a essas populações, sendo então os clubes sociais negros, uma forma de tentar suprir as ausências do estado com eles.

No Brasil os clubes tem ascensão logo após muitos negros conseguirem a suas cartas de alforria, um exemplo disso, que ocorre mais precisamente, em Porto Alegre no ano de 1872, a criação do primeiro clube no Rio Grande do Sul, Sociedade Floresta Aurora, de caráter beneficente, o qual teve o intuito de realizar entretenimento, educação, pagamento das cartas de alforria as pessoas ainda escravizadas, além disso, teve uma parte significativa na luta contra o preconceito e de estimular e amparar a população negra.<sup>6</sup>

**Figura 1 – Logo da Sociedade Floresta Aurora**



Fonte: Facebook

Ao longo dos anos esta sociedade mostra-se cada vez mais ativa, é conhecida também por sua musicalidade, participações em carnavais e peças teatrais, é importante ressaltar que a participação das mulheres já era efetiva na época. A organização da sociedade é composta por diretoria, sendo um presidente, conselho fiscal e deliberativo

---

<sup>6</sup> ESCOBAR, 2010, p. 58 e 59

com a duração de dois anos, qualquer sócio pode fazer parte, desde que esteja em dia com o pagamento.

A vários departamentos dentro da sociedade como: beneficente, cultural de esporte, social, feminino e departamento do jovem.<sup>7</sup> Devido a especulação imobiliária o Clube muda-se, para uma nova sede na Estrada Afonso Lourenço Mariante, 437 - Belém Velho. A sua importância para o Rio Grande do Sul é imensa, pois torna-se referência, iniciando uma onda de sociedades negras no Estado, expondo um protagonismo negro que iria modificando a estrutura e pensamento social nas cidades.

- **Pelotas**

Já em Pelotas temos a presença de “irmandades”, que tinham o formato das associações, podemos destacar três: Irmandade de Nossa Senhora da Conceição (1820-1915), Irmandade de Nossa Senhora de Assumpção da Boa Morte (1829-1918) e Irmandade do Rosário (1831-1918)<sup>8</sup>, seus objetivos eram variados, mas tinham o mesmo intuito que era ajudar os seus “irmãos de cor” diante da vulnerabilidade, também havia uma preocupação com as questões fúnebres, ou seja, organizando um funeral digno aqueles que necessitavam.

É evidente o compromisso dessas irmandades e sua ajuda modificou a vida de muitos cativos. Silva (2012) ressalta em sua pesquisa a mudança de objetivos dessas irmandades, como o incentivo a libertação de escravos, como é o caso da Sociedade Beneficente Feliz Esperança<sup>9</sup> surgida em 1878 tendo como objetivo arrecadar fundos através de apostas de loteria, para a compra de cartas de alforrias. Mais tarde surge *Depois da Chuva* que provavelmente era antiga Feliz Esperança.

Logo após a abolição, cria-se em 1909 Centro Etiópico Monteiro Lopes que possibilitou aos negros uma nova perspectiva em coletividade, devido ao preconceito

---

<sup>7</sup> A África está em nós: história e cultura afro-brasileira Africanidades Sul-Rio-Grandenses Capítulo II Os negros em tempos de liberdade, 2.3 associações e clubes negros, página 94, 2012, Coordenação: Lúcia Regina Brito Pereira.

<sup>8</sup> Ler mais em: SILVA, Fernanda Oliveira da. Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943). 2011. 228 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

<sup>9</sup> “Essa associação ocupou lugar de destaque entre as associações negras e abrigou em sua sede uma série de outras associações não somente étnicas, mas também congregadoras de trabalhadores em geral. A associação esteve envolvida com o movimento abolicionista na cidade de Pelotas, participando das comemorações de 1884, ano de emancipação dos escravos mediante contratos. A Feliz Esperança, além disso, caracterizou-se como a primeira associação aberta a negros que manteve aulas, as quais eram administradas à noite, visando o atendimento aos trabalhadores negros” Silva (2011, p.04)

impregnado na sociedade escravista da época, vale ressaltar que apesar da abolição, não se muda o pensamento. Silva (2012, p. 8):

As primeiras décadas do século XX caracterizaram-se por uma nova orientação nos objetivos das organizações dos negros em Pelotas. Entre essas organizações se destacaram os Cordões especificamente voltados aos negros – Depois da Chuva (19/2/1916), Chove Não Molha (26/2/1919), Fica Ahí P’ra Ir Dizendo (27/01/1921), Quem Ri de Nós têm Paixão (1921) e Está Tudo Certo (1931) – e a Liga de Futebol Independente José do Patrocínio. Dessas organizações, apenas os clubes Fica Ahí e Chove Não Molha mantêm-se em funcionamento atualmente.

**Figura 2 – Sede atual do C. C. Chove não Molha**



Fonte: Pelotas Ontem (2019)

Em Pelotas, a uma grande difusão na imprensa através das associações, o periódico *A Alvorada* que circulou entre 1907-1965, noticiava a seus sócios e a comunidade negra informações sobre festividades, reuniões e artigos de inferioridade racial. Possuiu um importante papel para que a população tivesse amparo, devido o preconceito.

- **Santa Maria**

No início de 1903, mais precisamente 13 de maio nasce a Sociedade Cultural 13 de Maio na cidade de Santa Maria, seu propósito principal era a comemoração da data da abolição da escravatura, a idealização já tramitava no pensamento de vários cidadãos

negros da cidade, devido a não permissão dessas pessoas entrarem em sociedades brancas. De acordo com Escobar (2012, p. 101):

O “Treze”, como ficou popularmente conhecida essa Sociedade, é um símbolo de resistência e poder da comunidade negra, materializado em um espaço privilegiado que demarca, na cidade, um espaço político, uma vontade, um lugar de memória e identidade negra.

Esta sociedade mudou de nome para “Sociedade Recreativa Ferroviária 13 de Maio em 1946, mais tarde os associados começam a descontar na folha de pagamento a mensalidade, percebe-se então a importância dada ao clube, possuía uma organização e mediação na vida e no trabalho desses homens. Tanto que Escobar (2012, p. 102) ressalta que só poderiam fazer parte da diretoria, os ferroviários, a regra fora cumprida até meados de 1960.

Logo após, os debates fizeram-se mais frequentes, devido a divergências de opiniões, pois muitos sócios que não eram ferroviários se preocupavam com a sociedade e lhe auxiliavam, e registram ali, que gostariam de fazer parte da diretoria, o que mais tardar muda-se. A sociedade era muito respeitada entre a população da época, seu número de sócios era expressivo, o que causava um grande prestígio. O auge da sociedade fez com que realizassem muitos bailes de debutantes e carnavais famosos no Estado, a alta sociedade de Santa Maria se fez presente.

Mas a mentalidade em meados de 1980 fora mudando, modificando as regras de clubes de brancos, que passaram a aceitar os negros em seu círculo, o mesmo acontecia com o “Treze”, também houve brancos em sua diretoria, o que gerou uma certa transformação e causando atrito entre os sócios.

Também é citado por Escobar (2012, p. 117) uma série de fatores que desestruturaram a sociedade, gerando a decadência, como por exemplo: o afastamento dos sócios, a rede ferroviária sendo privatizada, o surgimento de “boates” para se divertir pagando um valor específico, e não mais uma mensalidade, além do mais, os clubes de brancos que possuíam mais atrativos, com suas sedes campestres. De acordo com Escobar (2012, p. 117):

Nos últimos anos, a sociedade ficou associada à ideia de violência, tendo em vista a terceirização e subutilização desse espaço para se fazer “boates” e outras atividades que não tinham a ver com a identidade do “Treze”.

Muitos clubes no Estado tornaram-se esquecidos e simplesmente abandonados, mas a Sociedade Recreativa Ferroviária Treze de Maio fora privilegiada e transformada em um Museu Comunitário, além de ser tombado como patrimônio histórico municipal em 2004. O Treze está inserido no Movimento Clubista Negro e organizou o I Encontro Nacional de Clubes Sociais Negros no ano de 2006.

**Figura 3 – Museu Treze de Maio**



Fonte: Google Imagens (2009)

Este encontro em 2006 elabora a “Carta de Santa Maria” que tinha o intuito de estruturar formas de proteção e preservação destes espaços, além disso, ocorre a construção de uma constituição de uma Comissão Nacional dos Clubes Sociais Negros visando uma reparação histórica, transformando-os em patrimônio material<sup>10</sup> e imaterial<sup>11</sup> afro-brasileiro, a Sociedade Recreativa Beneficente Flor da Serra fez-se presente.

- **Rio Grande**

---

<sup>10</sup> De acordo com o IPHAN: Os bens tombados de natureza material podem ser imóveis como as cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; ou móveis, como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos.

<sup>11</sup> Pensar em patrimônio imaterial possibilita representar e registrar a memória de grupos que não encontravam um espaço no patrimônio material, como descendentes de escravos, comunidades quilombolas e nativas. p. 15 Momento patrimônio I

Na cidade do Rio Grande fora fundado um clube, por 19 homens com um desejo em comum: celebrar o carnaval, intitulado Clube Cultural e Recreativo Braço é Braço em 1920.

De acordo com a dissertação de Cruz muitos documentos foram perdidos com a queda do telhado da sede, este dano teve grande impacto para a pesquisa historiográfica desta sociedade que se fez extremamente ativa como forma de entretenimento. Além disso, é destacado, que não se admitiam mulheres no bloco carnavalesco na época.

**Figura 4 – Sede do Clube Cultural Recreativo Braço é Braço**



Fonte: Google Maps (2017)

O nome deste clube originou-se devido aos fundadores fazerem trabalhos braçais na marinha, chamados de foguistas, está registrado na ata de 1970. Mas também a uma outra versão de que alguém estava carregando um braço esculpido de madeira em 1988. De acordo com Cruz (2014, p. 50):

O registro de 1988 nos sugere que o bloco de carnaval Braço é Braço já em 1924 foi reconhecido e logo batizado de racho carnavalesco, neste documento, observa-se que pela “simpatia” dos membros logo se tornou bem querido pela população riograndina.

Mais tarde houve uma mudança brusca no Clube, o qual torna-se Cultural e Recreativo, ocorrendo atrito por um sócio e a nova diretoria que recusava a ideia deste clube participar do carnaval na cidade, pois haviam assuntos mais importantes a tratar

com o movimento negro e a questão de discriminação racial, não sendo permitido arruaças e foliões, mudando assim, a imagem do clube.

Este clube possui várias histórias não comprovadas devido à falta de documentação que confirme sua existência, é diferente em muitos aspectos, aos outros clubes citados aqui, pois seu objetivo não era efetivamente debater e ser um símbolo de resistência negra, mas sim, foi preocupado com a questão de alfabetização de seus associados. De acordo com Cruz (2014, p. 93):

[...] o Braço é Braço foi elemento que constitui valores dos associados, tal disposição viu-se nos ritos de celebração dos mortos emanados da associação, assim como na disposição a escolarização que permeou o clube e nas entrelinhas construiu um ideal de ascensão social.

- **Passo Fundo**

O anseio da população negra em Passo Fundo era criar uma sociedade, a qual surgiu em meados de 1912, sendo denominada “Sociedade José do Patrocínio”, logo foi modificada para Sociedade Bastião Braga e mais tarde em 23 de abril de 1916 o nome permanente Clube Visconde do Rio Branco, o qual tinha o intuito de realizar festividades, principalmente carnavais, tanto que é citado na dissertação de Fernandes (2018) que a história do clube iniciou em consequência de um bloco carnavalesco.

Ainda de acordo com Fernandes (2018), que utilizou fontes orais<sup>12</sup> para sua pesquisa, as famílias fundadoras eram descendentes de ex-escravos e já organizavam festividades para comemorar datas importantes. Ao longo dos anos o clube foi transformando-se em uma sociedade respeitável e atraindo cada vez mais sócios, que brevemente construiu sua edificação. [...] a sede atual, na esquina da rua Morom com a rua 20 de Setembro no bairro Boqueirão, só foi inaugurada em 1932 (FERNANDES, 2018, p. 31 *apud* TEDESCO, 2017, p. 154).

### **Figura 5 - Sede do clube na década de 1930**

---

<sup>12</sup> Fontes orais: compreendem-se o registro de histórias de vidas e também depoimentos diversificados, articulados, registrados de forma sistemática, em torno de um tema. CAMARGO, Aspásia. Apresentação da primeira edição. In: Alberti, Verena, Manual de história oral. 2 ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 12.



Fonte: Acervo iconográfico do Museu Histórico Regional.

Este clube, possui grande importância histórica para a cidade de Passo Fundo não sendo apenas para realizações de carnavais, mas promovia Bailes de Primavera, Verão, Rainha do Clube e jantares, com o objetivo de reunir a comunidade negra.<sup>13</sup>

Sendo o Visconde um clube fundado por famílias, mantido e idealizado durante muitos anos pelas mesmas, houve uma perpetuação de algumas delas na direção e na presidência, algo que acontecia ao natural por meio de votação, segundo Ribeiro. No entanto, isso parece ter gerado um incômodo ou desconforto, causando a divisão interna do Visconde, gerando grupos dissidentes. Somando isso ao relato da abertura de negros para os outros clubes na época, ao que parece o Visconde teve seu fim. (2018, p. 38)

O seu declínio ocorre através de um processo longo, como a abertura dos clubes brancos, discussões internas, e o não-tombamento como patrimônio histórico.

O Visconde não foi apenas um lugar de belas e grandiosas festas, foi também um lugar de encontros, de socialização, de ajuda mútua, comprometimento, e também da consolidação de um grupo. (2018, p. 43)

É perceptível em cada sociedade ou clube uma organização muito parecida, pois tinham a mesma finalidade, apesar disso, observamos peculiaridades específicas, algumas voltadas para o movimento negro de questionar a identidade da comunidade para com a sua cidade, outros reunir e realizar festividades carnavalescas e bailes, reunindo-se e reelaborando novas tradições.

---

<sup>13</sup> Fernandes, 2018, p. 30.

### **3 A TRAJETÓRIA DA SOCIEDADE RECREATIVA BENEFICENTE FLOR DA SERRA**

A cidade de Carazinho possui uma grande pluralidade de etnias, desta forma, ressaltamos a entrada dos negros desde o período anterior a sua emancipação. Compreendendo o contexto no qual inicia a Sociedade Recreativa Beneficente Cultural Flor da Serra e sua importância como forma de entretenimento aos “homens de cor”. Além disso, foi procurado descrever a trajetória do Clube cronologicamente, correspondendo a sua importância para a sociedade carazinhense, utilizando dos registros do clube e da imprensa.

#### **3.1 Um pouco do início da cidade de Carazinho**

Em 1626 e 1637 nas terras do norte do Rio Grande do Sul já se encontravam índios Kaingang e reduções jesuíticas, é nesta época em que surge São Carlos do Caapi e Santa Tereza, atual Carazinho e Passo Fundo. Em decorrência de ataques bandeirantes, as reduções trasladaram-se para territórios onde atualmente encontram-se os países do Paraguai e da Argentina.

Mais tarde, em 1827, é criada a primeira fazenda de gado, por Rodrigo Felix Martins com a sua família e escravos; também chegam Alexandre da Mota e Bernardo Paes de Proença se fixando nessas terras. De acordo com Álvaro Vargas, foram os primeiros moradores brancos que se tem registro.

Na passagem do século Carazinho tinha aproximadamente 150 casas, tanto estas como as ruas eram iluminadas à querosene. A população excedia em 1903 a 6000 habitantes, inclusive 900 na povoação. Apesar da revolução de 1893 a linha férrea foi iniciada em Santa Maria, atingindo Cruz Alta em 20 de novembro de 1894. Cessada a revolução foi mais fácil o prosseguimento da construção, que atingiu em 31 de maio de 1897 a localidade de Pinheiro Mercado e finalmente em 15 de novembro do mesmo ano Carazinho. (SAWOFF Apud. VARGAS, 2007, p.25)

Sawoff nos mostra um histórico mais detalhado da cidade em sua tese, baseando-se em fontes, estruturando a questão política que pairava no período. A fundação de Jacuizinho <sup>14</sup> possui várias relações de poder, devido a isso, a historiografia

---

<sup>14</sup> Distrito de Cruz Alta, primeiro nome dado a cidade de Carazinho.

realizada sobre o tema ser de cunho nacionalista, exaltando as suas próprias famílias, as quais teriam sido “fundadoras” de Carazinho<sup>15</sup>.

### 3.2 Início Flor da Serra

A presença do negro em Carazinho é anterior a sua emancipação, principalmente com a vinda dos Marcondes, ocorrendo um aumento considerável na população negra. Os negros, sofreram preconceitos de vários tipos por parte da sociedade carazinhense da época, um exemplo relevante que podemos citar é que foram proibidos de entrar em Clubes de lazer, considerados somente dos “brancos”.

Logo após, surge uma representatividade forte na cidade, especificamente em 1932, o Clube Recreativo Flor da Serra tem início de suas atividades, os primeiros vinte sócios trataram de registrar a diretoria e seus anos subsequentes em um pequeno caderno de brochura. De acordo com a ata de fundação:

Reuniu-se ali um grande número de homens de cor desta cidade, para discutir e aprovar o parecer da comissão organizadora que a longos anos vem trabalhando no sentido de fundar a primeira Sociedade de homens de cor desta cidade. (ATA DE FUNDAÇÃO. Carazinho: Sociedade Recreativa Flor Da Serra. 1932, p. 1).

Foi realizado a eleição e posse da primeira diretoria, contendo: presidente, vice, 1º secretário, 2º secretário, 1º tesoureiro, 2º tesoureiro, conselho fiscal composto por três pessoas e ainda, os suplentes. Fora estipulado o valor da joia: 10 mil réis e a mensalidade de 2 mil réis.

Nesta época ainda não se possuía um estatuto, somente regulamento interno, aprovado pela assembleia geral. Seu primeiro presidente foi Fernandes Marcondes durante um ano, já em 1933 sucede uma nova diretoria, tornando o sr. Marcondes como suplente. Percebe-se que ao longo da pesquisa nas Atas, poucas informações foram registradas, a não ser a posse das diretorias.

Mas em 1938 isso modifica-se, pois marca um ano de transformações para o Flor, fora fundado o Departamento Esportivo, intitulado “Esporte Club Flor Ideal” filiando-se na primeira Liga de Futebol Carazinhense, destacando-se alguns jogadores de cor. No mesmo ano, ocorre a compra do terreno de Esmael Rolim de Moura na rua

---

<sup>15</sup> Ver mais em p.23 a 30 Sawoff

Marechal Deodoro s/n no valor de três conto de reis e quinhentos mil reis, o qual fora quitado no prazo de dois anos.

O nome da Sociedade “originou-se porque Carazinho antes mesmo de pertencer ao quarto distrito de Passo Fundo pertencia a cidade de São Gonçalo do Sul perto do município de Caxias do Sul na serra gaúcha” (CARTA..., 2014. p.01). O objetivo era reunir apenas homens negros para socializar e estes mesmos que encontravam o seu espaço na sociedade carazinhense. Passando-se anos o Clube ainda não possuía sede, até que em 25 de março de 1938 ocorre a compra do terreno que na época era em uma rua afastada do centro, que se mantém até os dias atuais.

Em 1939 realiza-se uma assembleia geral extraordinária para a construção da primeira sede do clube, com o auxílio de empresas e autoridades da cidade. O registro consta na Ata, também houve o convite do clube de passo fundo para uma partida amistosa. Mas é somente em 1940 o início da construção da sede.

Ao realizar esta pesquisa constata-se uma grande presença na sociedade carazinhense, a partir da diretoria do ano de 1942 com a entrada do Sr. Rivadávia Marcondes de Oliveira, construindo e aprovando o primeiro estatuto da Sociedade. No ano seguinte, a diretoria é reeleita e tem sua primeira aparição carnavalesca em Passo Fundo no Clube Visconde Rio Branco.<sup>16</sup>

Nos anos subsequentes não se tem muitas informações sobre a Sociedade em seu livro de atas, até que em 1949 registra-se que a apólice de seguro é transferida para a “Cia Brasil de Seguros” constando o prédio no valor de 40 mil cruzeiros e 25 mil cruzeiros em móveis e utensílios.<sup>17</sup>

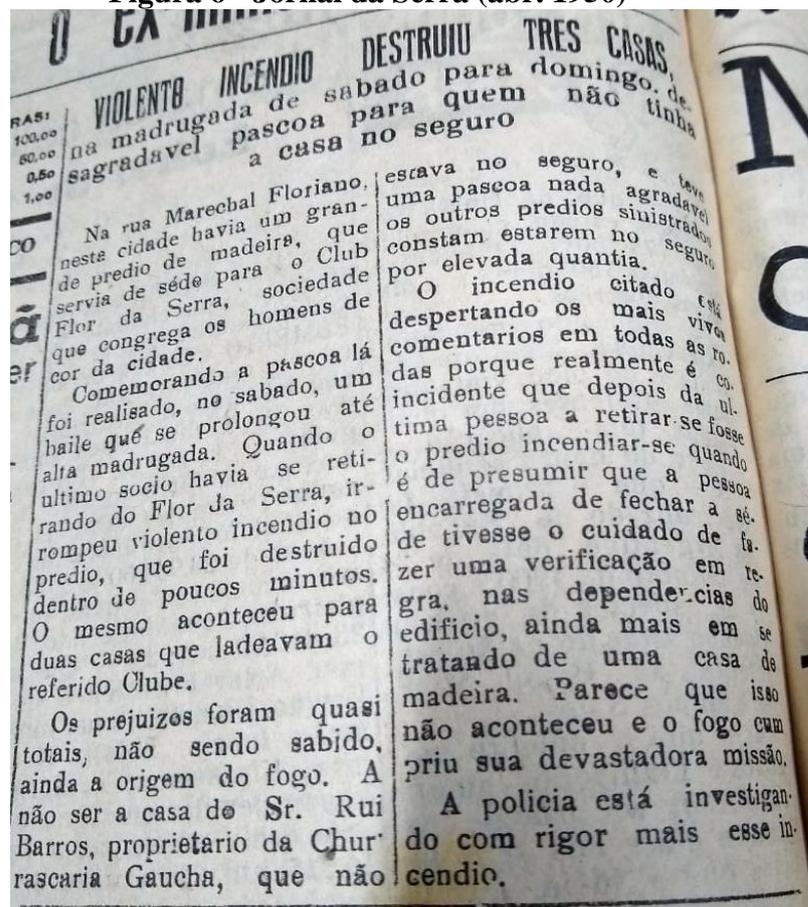
O ano seguinte torna-se marcante para a Sociedade, pois é feita a escritura do terreno, através do Padre João Batista Sorg, que representava a Diocesana de Santa Maria. De acordo com a ATA de 1950 o proprietário do terreno recusa-se a em dar a escritura ao Presidente vigente, que relata ter desembolsado do próprio bolso uma quantia alta para obter a mesma. Além disso, ocorre em abril um “grande baile” na sede do clube prolongando-se até alta madrugada que decorre de um enorme incêndio, reduzindo o prédio as cinzas. Ressaltamos aqui, que essa foi a primeira vez em que a sociedade aparece em um Jornal da Região, como podemos ver na figura abaixo:

---

<sup>16</sup> p. 19 e 20 ATA

<sup>17</sup> P. 24. ata

Figura 6 - Jornal da Serra (abr. 1950)



Fonte: Acervo Hemeroteca Biblioteca Pública Dr. Guilherme Schultz Filho

Houve uma apuração no inquérito polícia com a participação na Comissão Investigativa do Delegado Olívio Otto e em 39 dias, o seguro foi pago. No dia 14 de julho deram início a construção do prédio de alvenaria que está de pé até os dias atuais. Nesta época as Sociedades Negras interagiam entre si, prestigiando-se, o que acontece na solenidade da nova sede do Flor.

**Figura 7 - Fachada da Sede aproximadamente 1980**



De acordo com a carta enviada a Fundação dos Palmares, o objetivo de promover a cultura e a inclusão social fez com que, mais tarde a sociedade mudasse de nome para Sociedade Recreativa Cultural Beneficente Flor da Serra, como sugestão do presidente Rivadávia de Oliveira Marcondes, além de o clube ser declarado por uma lei municipal de utilidade pública:

Continuando seus objetivos e incluindo trabalhos de inclusão não somente racial para os discriminados chamados de “homem de cor”, bem como inclusão social, colocando a disposição de seus membros e da comunidade menos favorecida em geral uma biblioteca para estudos, em 17 de março de 1973 foi declarada de utilidade pública municipal pelo número 2.523.(CARTA..., 2014. p. 1).

De acordo com a entrevista concedida pelo sr. Rivadávia ao Projeto Memória Carazinho<sup>18</sup>, ele e mais um grupo de homens se reuniram e visitaram o prefeito Albino Hillebrant para registrar a Sociedade, mas era preciso construir o Estatuto, então o sr. Rivadávia pega emprestado o Estatuto da Sociedade Cristóvão Colombo (atual Clube Comercial), sociedade somente de brancos da época, para que o do Flor fosse construído.

---

<sup>18</sup> Livro: 75 anos de carazinho

Este estatuto fora atualizado em 1973 aprovado pela assembleia geral, o que podemos perceber é muito bem organizado, completo e objetivo. Ele especifica os deveres da diretoria, dos sócios e da sociedade em si. Destacamos o capítulo I, artigo 1º que mostra o objetivo do Clube para com seus sócios:

**Artigo 1º** - A Soc. Rec. Cul. Ben. Flor da Serra com sede nesta cidade de Carazinho à rua Marechal Deodoro, 435, tem por finalidade proporcionar aos seus associados divertimentos familiares, como: bailes, passeios campestres, espetáculos, meios culturais e atendimento médico e odontológico. (Retirado do Estatuto.)

Neste capítulo expõe a sociedade centrada e preocupada com seus sócios, desde atendimento médico e odontológico a encaminhar os filhos dos associados a bolsas de estudos, também, de uma biblioteca para pesquisas, além disso, também emprestava dinheiro a seus sócios com juros inferiores aos bancários. Esta sociedade vai além de somente representar uma etnia, ela corrobora para um bem maior.

Podemos interpretar a construção da identidade do Flor da Serra através do estatuto, pois com a sua representação compreendemos a maioria dos seus projetos e objetivos. Ao longo dos anos a sociedade foi evoluindo e tomando proporções inimagináveis, devido as diretorias vigentes, cada vez mais atuante e resistente na sociedade carazinhense, mostrando-se culturalmente e socialmente. Conforme Chartier (1990, p. 17.):

As percepções do social não são de forma alguns discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa dos outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por esse modo as investigações sobre as representações supõem como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos, desafios se enunciam em termos de poder e de dominação.

O segundo capítulo do Estatuto é composto por treze artigos, dedicados inteiramente aos deveres e direitos dos sócios, pode-se destacar a categoria dos sócios: fundadores efetivos (assinantes da ata de fundação), remidos (pagantes da quota estabelecida pela assembleia), beneméritos (prestando serviços a sociedade, mas pagantes da mensalidade) e jubilados (sócio efetivo durante 15 anos, fica livre da contribuição mensal).

Para tornar-se um sócio era necessário requisitar a um dos associados para que o propusesse, e preencher um formulário (conforme a figura) mas, apenas seria

admito em sessão mensal da diretoria, caso fosse rejeitado só poderia solicitar seis meses depois.

**Figura 8 - Proposta para sócio 1990**

SOCIEDADE RECREATIVA CULTURAL BENEFICENTE "FLOR DA SERRA"  
CGC(CMPT) 05.434.279/0001-03  
FUNDADA: 21 - 05 - 1932  
Registro na Secretaria do Trabalho e Ação Social n° 6.664, em 21-09-78  
Declarada de Utilidade Pública, pela Lei Municipal n° 2.523/73  
RUA MARCHEL DEODORO, 433 - CEP 99.500 - CARAZINHO - RS

**PROPOSTA PARA SÓCIO**

O abaixo assinado faz a presente proposta para sócio da SOC RECREATIVA CULT BENEFICENTE "FLOR DA SERRA" responsabilizando-se pela idoneidade do proposto.

Nome WILSON BOABA DA ROCHA  
Residência FEPO VARGAS N.º 1584  
Clube a que era associado  
Residência anterior CLUBE COMERCIAL Nacionalidade BARSILEIRO  
Profissão CONTABILISTA Onde Exerce LIBTADOR  
Nascido em 8 de JANEIRO de 1949  
Estado civil CASADO  
Se casado: Pelo Civil? SIM Onde casou? CARAZINHO  
Nome da Esposa MARIA IZABEL DA ROCHA  
Filhos menores de 18 anos ADRIANA FABIANA DA ROCHA  
JULIANA DA ROCHA  
NILTON FABIANA DA ROCHA  
Carazinho, 22 de AGOSTO de 1990  
(Assinatura do proposto)

O proposto pré-aludido deseja de fato ser incluído no quadro de sócios da SOC RECREATIVA CULT BENEFICENTE "FLOR DA SERRA".  
Carazinho e confirmando as informações supra citadas ACEITA TODAS as obrigações dos seus estatutos.  
Carazinho, 22 de AGOSTO de 1990  
(Assinatura do proponente)

Estou ciente que o não recebimento do ofício comunicando a minha aceitação, importa em não ter sido aceita a minha proposta.

Secretaria  
Aprovada em sessão de Diretoria realizada em 22 de AGOSTO de 1990  
Presidente  
Tesouraria  
Jóia Cr\$ 600,00 Anotado em 22 de AGOSTO de 1990  
Mensalidade Cr\$  
Ata N.º

Condições de Pagamento:  
Entrada Cr\$ 600,00 Em 22 de AGOSTO de 1990  
Saldo em Cr\$

Estou ciente que o não recebimento do ofício comunicando a minha aceitação, importa em não ter sido aceita a minha proposta.

Fonte: Arquivo Flor da Serra

Também há um artigo específico para as pessoas que perderiam o direito a ser sócios (ver artigo 09º em anexo), devido ao mau comportamento ou a prática de atos desonrosos a Sociedade, estes que foram expulsos não poderiam retornar a ser sócios.

A Sociedade era extremamente restrita a suas regras, contendo artigos específicos de deveres da diretoria, que seriam eleitas através de assembleia geral e o trabalhariam sem obter nenhum lucro e seguindo as regras do Estatuto vigente. Cada cargo do Clube seria devidamente fiscalizado, para que não ocorresse nenhuma ilegalidade. No anexo está o Estatuto completo.

### 3.3 Projetos Desenvolvidos na Sociedade

O Flor da Serra, participou de diversos projetos, podemos destacar o Projeto VINZA (Viva a Natureza em Harmonia), seu objetivo fora proporcionar a sociedade carazinhense informações sobre a cultura afro, além de mostrar a importância do meio ambiente através da reciclagem.

Para a realização desse projeto foram pensadas formas diferentes e horários disponíveis dos futuros participantes, devido a isso, os encontros realizavam-se de domingo a domingo. Havia oficinas de costura, poesia, confecção de roupas e acolchoados, artesanato com material reciclável, restauração de imóveis; grupos de estudo afros, dança, capoeira e autoajuda.

**Figura 9 - Projeto VINZA**



Fonte: Arquivo Flor da Serra (1999)

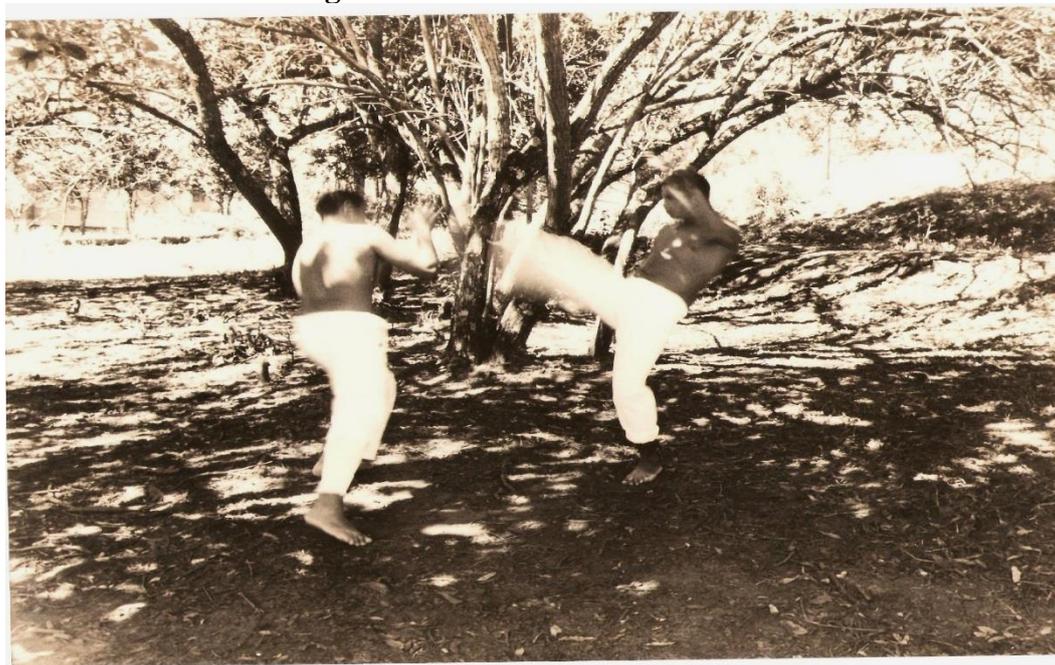
Este projeto viabilizou a Semana da Consciência Negra, que ocorrerá anualmente desde 1994, sendo promovido palestras as escolas e ao município, além de exposições como Mostra de Africanidades I e II que foram exposições fotográficas dos negros da cidade. Como podemos ver as figuras abaixo:

**Figura 10 - I Mostra Africanidades**



Fonte: Arquivo Flor da Serra (1999)

**Figura 11 - I Mostra Africanidades**



Fonte: Arquivo Flor da Serra (1999)

O Projeto VINZA oportunizou diversas celebrações e beneficiou muitas famílias carazinhenses. Mas devido a precariedade em que se encontrava o prédio, foi forçado a encerrar suas atividades. Houve diversas investidas para conseguir arrecadar o dinheiro e reformar a construção, mas o valor era muito alto.

Também temos a instalação do projeto MOVA/RS (Movimento de Alfabetização) de Jovens e Adultos em 2001, em parceria com a Secretaria da Educação do Estado através da 39ª Coordenadoria Regional de Educação com sede na cidade de Carazinho, a qual deveria dar um suporte pedagógico aos educadores, que deveriam residir na comunidade.

O Projeto chegou a ter cerca de 28 turmas e gerava recurso a Sociedade. Ocorreu uma sindicância na 39ª CRE, devido a irregularidades dentro da secretaria (o processo possui muitas inconsistências) com relação ao MOVA, a qual culminou em um processo judicial, fora acompanhado pela imprensa, por sua vez, ameaçou o terreno do Flor da Serra.

Os anos subsequentes foram de muita luta contra o preconceito racial e social na sociedade carazinhense, como fizeram os primeiros membros da Sociedade, a participação dos membros que continuaram a frente do Flor da Serra fora essencial para que, está Sociedade fosse uma referência em filantropia e exercendo a valorização da cultura afrodescendente.

Atualmente os membros da Sociedade Recreativa Beneficente Flor da Serra lutam para que a organização cultural, historicamente constituída por negros, continue em pé e que suas resistências diante das discriminações não se percam com o tempo, pois elas constituem um elemento fundamental para a história do município de Carazinho e principalmente para esforço dos movimentos da cultura negra brasileira. Em 2016 o Flor da Serra recebe a titulação de autodefinição (em anexo) pela Fundação Cultural dos Palmares como Remanescente dos Quilombolas. De acordo com Aguilar (2009, p. 4):

Em 1988, tem-se a aprovação da Constituição Federal, contemplando um artigo nas Disposições Transitórias (Art. 68), que garante a posse da terra pelas comunidades “remanescentes de quilombo”. Após intensa mobilização de diferentes movimentos sociais, pesquisadores e de parlamentares, ocorre em 1994 a ressemantização do conceito no intuito de assegurar a posse da terra pelas comunidades negras. Quilombo ganha uma nova abordagem que não se refere apenas a ocupações relativas às áreas de insurreição, ou ao binômio, fuga/resistência, mas a comunidades de segmentos negros que desenvolveram práticas de resistência coletiva, como a resistência cultural.

O Flor da Serra ao longo dos anos torna-se muito mais que um clube, não representando somente uma camada social, mas várias camadas, as fortalece através do conhecimento na arte e cultura. Modifica uma estrutura historiográfica nesta cidade. Lutando massivamente contra o preconceito, a ignorância e racismo.

**Figura 12 - Fachada atual da Sede**



Fonte: elaborada pelos autores.

Apesar da fachada da sede estar resistindo ao tempo, pode-se dizer que o Clube está “abandonado”, devido ao prédio por dentro em total destruição. É perceptível vidros quebrados e a entrada ao lado está aberta, o teto está desabando, o assoalho está abrindo-se, tem troféus da Sociedade no chão, fotos em cima da mesa, desenhos de negros e alguns móveis antigos.

A Sociedade está na memória das pessoas que o conheceram, que fizeram parte de sua história, mas com sua construção desabando, não é mais importante para a sociedade carazinhense. Foram poucos os clubes negros que resistiram ao tempo e conseguiram-se readaptar as mudanças da nova sociedade, um exemplo disso é o Floresta Aurora em que se mudou de sede para um campestre e se reestruturou aos novos objetivos de um clube e satisfazendo os desejos de seus sócios.

## **4 CARNAVAIS DE RUA NA CIDADE DE CARAZINHO, ATRAVÉS DO CLUBE FLOR DA SERRA**

Um dos símbolos do Brasil são os carnavais, formas de divertimento e de demonstrar sentimentos, conhecimentos e até resistências. A Sociedade Recreativa Cultural Beneficente Flor da Serra fez parte dos carnavais de rua na cidade de Carazinho por muitos anos, devido a isso, ressaltaremos aqui alguns carnavais entre 1995 e 2009, através da imprensa.

### **4.1 O Carnaval como forma de resistência negra**

Quando comentamos sobre o “Clube dos Negros” em Carazinho logo vem a memória dos mais velhos os famosos carnavais de rua, muito divertimento, alegria e musicalidade. Era sempre esperado e muito bem organizado, com um tema diferente a cada ano, concretizava uma forma de aprendizado da cultura negra. De acordo com Azevedo (2018):

No universo da cultura negra, a memória do corpo-música e a da música-corpo são indissociáveis, dependentes uma da outro, complementando-se, interpenetrando-se e reelaborando a “África” na sua dimensão rítmica, na palavra oral sacralizada, nas devoções religiosas aos ancestrais, na arte visual e comunicativa.

A Sociedade tinha uma Escola de Samba chamada Unidos do Flor da Serra, a qual era considerada uma das mais famosas e ganhadora de vários troféus por seus inúmeros espetáculos nos desfiles de carnavais. Mas não era somente a escola de Samba Unidos do Flor da Serra que realizava o carnaval, haviam outras, uma que competia e além de ser a principal rivalidade do Flor, era a Escola de Samba Unidos da Baixada Santista.

Outros Clubes na cidade também participavam dos bailes e carnavais como o Clube Caixeiral, Bloco Independente – Bairro Sommer e o Bloco Carnavalesco Tropical. A fonte principal deste capítulo é a imprensa Diário da Manhã, noticiando e expondo sua opinião a respeito dos carnavais, em 1995 por exemplo, ocorre um baile no Flor da Serra para a escolha da Rainha de Carnaval do ano e a imprensa ressalta que apesar da rivalidade

entre as duas principais escolas (Baixada Santista e Flor da Serra) elas celebram e se divertem juntas no carnaval. Segue abaixo a figura 13:

**Figura 1: Carnaval de 1995**



(Fonte Hemeroteca: Biblioteca Guilherme Schultz Filho)

A Unidos do Flor da Serra não participava apenas do carnaval de Carazinho, realizavam apresentações em outras cidades e convidavam outros blocos a se divertirem em sua cidade, como é o caso da parceria com a Escola de Samba Mocidade Independente de Passo Fundo, ainda no ano de 1995. E não é surpresa para ninguém, que o Flor da Serra leva mais um troféu para a casa.

Mas o carnaval do ano seguinte seria formado por “polêmica” como registra a imprensa da época, diversas opiniões são postas no jornal, devido a comentários que o Unidos do Flor da Serra viu o desfile do seu rival antes e teve a chance de se preparar melhor, há também a questão da localidade que a Avenida Pátria não seria o local ideal para desfilar, pois a iluminação não era favorável.

O Bloco Independente também se sentiu inconformado com a Comissão Julgadora, pois, estavam todos de fantasias novas e não foram reconhecidos. Além disso,

todos os blocos concordaram que foi o ano que mais teve desorganização e atrasos para o desfile. Novamente, Unidos do Flor da Serra ganha mais um troféu.

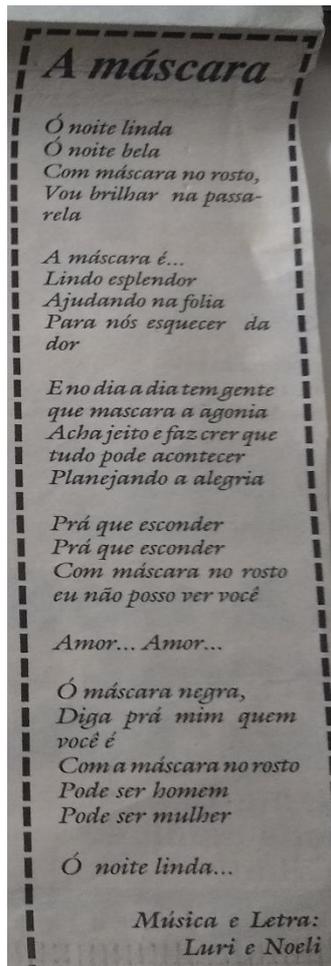
Após a desorganização do ano anterior, o de 1997 prometia mudanças no carnaval carazinhense, voltando a ser realizado na principal avenida, Flores da Cunha. Entre os principais blocos estavam também, Guerreiros da Vila Alegre, Ginga Pura, Tropical e AMOVIS.

É perceptível a participação geral da comunidade carazinhense, o jornal nos conta tudo em pequenos detalhes em uma página inteira dedicada sobre este carnaval. Também, mostra a importância da “folia” na cidade, é impossível não destacar o Bloco Tropical que traz no samba enredo a questão que afeta ainda hoje, a violência no trânsito. Além disso, temos a Ginga Pura, do Clube Comercial que trouxe um tema de cunho social, trazendo crianças para representar as crianças carentes do Brasil, este lhe rendeu o troféu do ano.

No carnaval de 1998 fora criada A Liga Independente das Escolas de Samba que tinha por objetivo promover eventos que elevem o nome das Escolas. Neste ano a escola Unidos do Flor da Serra junta a Mocidade Independente foram campeãs. De acordo com o jornal. Que começam as “ameaças” para a não liberação de verbas para os carnavais.

Em 1999 o Flor da Serra desfila sem fantasias, pois não teriam ficado prontas a tempo, o que acaba causando verdadeiro alvoroço na cidade, atrito entre uma representante do Unidos e o prefeito da época, registrando-se até ocorrência policial. A escola de samba desfilou na frente de casa, tendo como tema as várias personalidades humanas. Foi criada uma música para representar:

**Figura 2: Música “A máscara”**



(Fonte Hemeroteca: Biblioteca Guilherme Schultz Filho)

A decadência inicia nos anos 90 com a falta de verba concedida pela prefeitura, mas não impede os carnavalescos de irem desfilar, customizando suas fantasias e fazendo parcerias com outras cidades. O carnaval de rua iria acontecer de qualquer maneira em 2002.

Em 2003 o Flor da Serra já possuía 80 fantasias prontas para o carnaval, seus vinte anos de tradição e a participação de 250 componentes fariam a folia neste ano, além disso, seu tema era conscientização através da reciclagem do lixo.

O carnaval nos mostra através do divertimento formas de conhecimento na cultura. Logo, em 2004 a imprensa divulga que o Flor da Serra denuncia a Liga Carnavalesca Municipal e ganha na justiça o direito de desfilar e receber verbas para o carnaval de rua, pois ocorre uma moção de repúdio com mais de mil assinaturas.

Em 2005 podemos perceber pouca matéria sobre o carnaval, apenas que houveram cinco blocos e o Unidos do Flor da Serra, além da Liga ressaltando a importância da presença de todos os carazinhenses na cidade.

Já em 2007 é feita uma enquete para pedir aos carazinhenses se gostariam ou não do carnaval de rua, devido a escassez de recursos da prefeitura, as opiniões que são listadas na reportagem desejavam o carnaval. Neste ano é realizado o II Encontro de Entidades Carnavalescas de Carazinho, também é aniversário de 76 anos da cidade e 75 anos do Flor da Serra, fora realizado diversas palestras fazendo uma retrospectiva do carnaval de carazinho e mostrando a sociedade carazinhense a inserção do negro nas origens do carnaval, não podemos deixar de destacar os palestrantes, que são especialistas no assunto: Silvana Moura; Vladimir Colombelli, Noeli de Souza e Carmem Holanda.

Em 2008 fora encontrado várias reportagens sobre o carnaval, desde a preparação das fantasias os foliões. O Flor da Serra leva o tema da reciclagem novamente para o desfile e mostra o quão é importante esta questão para a sociedade e o futuro. Nesta época o bloco contava com 350 integrantes, além disso, resalta o trabalho social realizado pelo Flor na reciclagem.

Também no ano de 2008 o presidente da Liga do Carnaval, Clóvis Nascimento escreve um artigo no jornal Diário da Manhã intitulado “Carnaval, Expressão de Cultura e Alegria” o qual destaca a importância do carnaval para a sociedade, evidenciando o papel do negro neste divertimento, explicando que existem vários tipos de carnavais, Nascimento também faz uma comparação com os carnavais da cidade do Rio de Janeiro e o de Carazinho. No final, faz uma breve sobre os governos que não apoiam o carnaval e também, fala sobre os excessos de bebidas alcólicas e deseja a todos um ótimo carnaval.

É preciso ressaltar que ao longo da pesquisa, torna-se perceptível o desinteresse da população com o carnaval, tanto é que em 2009 temos apenas 7 mil pessoas prestigiando o evento realizado pela Liga Municipal.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar esta pesquisa foi perceptível a importância da Sociedade Recreativa Beneficente Flor da Serra para a comunidade carazinhense nos anos em que foi atuante. As diretorias que passaram pelo clube transformaram a Sociedade em uma espécie de fortaleza que, através de seu auxílio, mostraram-se preocupadas com seus sócios e fizeram a diferença na vida dessas pessoas.

Os projetos realizados marcam mais que um “clube de negros” (como é conhecido na cidade) tornou-se uma forma de resistência e conhecimento da cultura africana e brasileira, mais do que apenas divertimento nos carnavais ou festas. Trouxe a cidade uma nova forma de aprendizado, além de se preocupar com o meio ambiente e mediar várias atividades relacionadas ao ensino à aqueles que necessitavam. O clube nos evidencia que devemos ajudar uns aos outros, não importando sua cor ou posição social.

Independentemente dos mais de 300 anos em que os negros foram submetidos a escravidão não devemos deixar de mencionar a respeito do preconceito contra a cor, que fora o motivo inicial da criação da Sociedade. Porém, podemos afirmar que ao longo de sua existência e seu apogeu o Clube pôde lutar e resistir contra a discriminação racial. Mas é importante, ressaltamos que ainda hoje, vemos e ouvimos injúrias contra o negro e é nosso dever chamar atenção dessas pessoas e denunciar, pois, o racismo é crime.

Apesar da Sociedade ter a certidão de Autodefinição como Remanescente dos Quilombolas pela Fundação dos Palmares, não fora tombado o patrimônio material, mas que se mantém até hoje de pé. A decadência do Flor da Serra também é atribuída ao Projeto MOVA (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos), que gerava caixa a Sociedade e não foram devidamente prestadas contas ao Estado ressaltando na ação fiscal tributária que ameaçava o terreno, mas este processo fora arquivado.

O terreno da Sociedade fora leiloado em agosto deste ano, pois não foram pagos os impostos, houve várias tentativas para que se pudesse reverter esta decisão ao Ministério Público e ao INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), mas sem sucesso.

É relevante explicar que as relações de poder são evidentes na sociedade brasileira atual e a memória torna-se seletiva, escolhendo o que deve ser patrimônio para

a cidade e o que deve ser deixado de lado. Fica o questionamento ao leitor sobre a questão patrimonial ser seletiva.

Devido a existência de muitas fontes, este trabalho não contempla toda a historiografia da Sociedade, mas contribui para mostrar um pouco da presença e essência do negro na sociedade. E aos que se interessarem, que seja de incentivo para novas pesquisas e principalmente, novas descobertas.

## REFERÊNCIAS

AGUILAR, Maria do Carmo Moreira. **Ressemantizar ou permanecer**: rediscutindo o conceito de quilombo. 2009. Monografia de conclusão de curso em História. Centro Universitário La Salle. Canoas, 2009.

ASSESSORIA DE IMPRENSA UPF. **Acadêmicos de História visitam a comunidade quilombola de Arvinha**. Disponível em: <https://www.upf.br/noticia/academicos-de-historia-visitam-comunidade-quilombola-de-arvinha>. Acesso em: 16/11/2019.

AZEVEDO, Amailton Magno. Samba: um ritmo negro de resistência. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 70, p. 44-58, ago. 2018.

BARROS, José D'Assunção. **A Nova História Cultural** – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. Cadernos de História, Belo Horizonte, v.12, n. 16, 1º sem. 2011.

\_\_\_\_\_. **Projeto de pesquisa em História**: Da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis: Vozes, 2005.

BOEIRA, Luciana Fernandes. **Entre História e Literatura**: a formação do Panteão Rio-Grandense e os primórdios da escrita de história do Rio Grande do Sul no século XIX. Mestrado. UFRGS, 2009.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2008.

CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**: ensaio de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 5ª Ed. - São Paulo: Estação da Liberdade 2006.

CRUZ, Matheus. **Clubes Sociais Negros: Memória e Esquecimento no Clube Recreativo e Cultural Braço é Braço. (Rio Grande, RS, 1969-1992)**. 2014. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/ppgmp/files/2016/11/Matheus-Cruz.pdf>>. Acesso em: 02 nov. 2019.

ESCOBAR, Giane Vargas. **Clubes Sociais negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial**. 2010. 221 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/10961/ESCOBAR%2c%20GIANE%20VARGAS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 out. 2019.

FERNANDES, Murilo. **CLUBE VISCONDE DO RIO BRANCO: Narrativas de memória e esquecimento (1916 - 2018)**. 2018. 63 p. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, 2018.

GELEDES, Instituto da Mulher Negra. **O Movimento da Mulher Negra Brasileira: História Tendência e Dilemas Contemporâneos**, 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-movimento-da-mulher-negra-brasileira-historia-tendencia-e-dilemas-contemporaneos/>>. Acessado em 13 de junho de 2019.

LE GOFF, Jacques (org). **A História Nova**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LUCA, Tânia Regina de. “História dos, nós e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla. (org.) **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 111-153.

MAESTRI, M. Pampa Negro - **Agitações, Insubordinações e Conspirações Servis no Rio Grande do Sul, 1803-1850**. Sankofa (São Paulo), v. 7, n. 13, p. 50-72, 6 jul. 2014.

MENEGHEL, Stela Nazareth; FARINA, Olga; RAMÃO, Silvia Regina. **Histórias de resistência de mulheres negras**. Estudos Feministas, Florianópolis, 13(3): 567-583, setembro-dezembro, 2005.

MONTEIRO, Manoel Ricardo. **O processo de reconhecimento das comunidades quilombolas e a efetividade das políticas públicas do programa Brasil Quilombola**. Monografia pós-graduação no curso de Gestão de Políticas Públicas em Gênero e Raça. Universidade de Brasília. Brasília, 2014.

NA RAÇA E NA COR. **Toda mulher quilombola é sinônimo de resistência**. Disponível em: <<http://naracaenacor.terraedireitos.org.br/2017/06/21/toda-mulher-quilombola-e-sinonimo-de-resistencia/>>. Acessado em 13 de junho de 2019.

OLIVEIRA, Heron Lisboa de. Quilombo da Mormaça – em busca do território: uma luta das mulheres negras? In: ANAIS II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO E FÓRUM REGIONAL DO CENTRO E SUL DO RS, 2014, Santa Maria. **Educação, memória e resistência popular na formação social da América Latina**. Santa Maria: E-book, 2014. 3912 p. Disponível em: [http://coral.ufsm.br/sifedoc/images/Anais\\_sifedoc\\_3912\\_p.pdf](http://coral.ufsm.br/sifedoc/images/Anais_sifedoc_3912_p.pdf)

PEREIRA, Lúcia Regina Brito (Coord.). **A África está em nós: história e cultura afro-brasileira**. Africanidades Sul-Rio-Grandenses. João Pessoa: Editora GRASFET, 2012.

QUILOMBO Flor da Serra: símbolo de resistência negra. **Revista Comarte**, edição 64, 2017. Disponível em: <<http://nexjor.com.br/comarte/quilombo-flor-da-serra-simbolo-de-resistencia-negra/>>. Acessado em 13 de junho de 2019.

SAWOFF, Raquel Inês Zuglianello. **O olhar dos cronistas no Jornal da Serra de Carazinho-RS: “Respingos” e “Cousas da Cidade” (1930-1945)**. 2007. 165 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2007. Disponível em: <http://tede.upf.br/jspui/handle/tede/60>

SCHMIDT, Mario Furley. **Nova História Crítica – Volume Único**. São Paulo: Nova Geração, 2005.

SILVA, Fernanda Oliveira da. **Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços:** associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943). 2011. 228 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SILVA, Gilberto Ferreira da; SANTOS, José Antônio dos; CARNEIRO, Luiz Carlos da Cunha (org.). **RS NEGRO:** Cartografias sobre a produção do conhecimento. Porto Alegre: ediPUCRS, 2009.

SOCIEDADE RECREATIVA FLOR DA SERRA. **Carta A Fundação Cultural Dos Palmares.** Carazinho, 2014.

SOCIEDADE RECREATIVA FLOR DA SERRA. **Livro de Atas.** Carazinho, 1932-1950, 28 p.

SOCIEDADE RECREATIVA FLOR DA SERRA. **Estatuto da Sociedade.** Carazinho, 1973, 17 p.

VARGAS, Alvaro Rocha. **Do Caapi ao Carazinho** – Notas sobre trezentos anos de história 1631-1931. Carazinho: Empresa Gráfica Carazinhense, 1980.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, Vozes. 2012.

ZANOTTO, Gizele; MACHADO, Ironita A. P. (org.) **Momento Patrimônio Vol. I.** Passo Fundo: Berthier, 2012.